

O ARTILHEIRO.

*Alguns vão malizendo, e blasfemando
Do primeiro, que guerra fez no mundo,
Outros a sede dura vão culpando
Do peito cubiçozo, e sitibundo;*

CAMÕES.

PORTO ALEGRE, NA TYPOGRAPHIA DE CLAUDIO DUBREUIL E C.—ANNO DE 1837.

BOMBA.

Que se diria de um homem, que tendo encerrado em uma gaiola segura um tigre, o qual apesar da sua ferocidade, e força não era capaz de a arrombar para fugir, só se de proposito lhe facultassem a fuga, e depois o remove para outra menos segura, a qual o tigre pode arrombar tanto com a sua força, como ajudado da dos seus semelhantes? Disserse-hia sem duvida, ou que esse homem de proposito quer que o tigre fuja, ou q' nenhum empenho faz em o conservar encerrado: pois esse tigre he Bento Gonçalves, a gaiola segura a Fortaleza de S. Cruz, a fraca o Forte do mar na Bahia, e o homem he o Governo Central. Que quererá pois o Governo, que se diga delle, tendo encerrado na Fortaleza de S. Cruz, ou na da Lage, que mais segura he ainda, o monstro Bento Gonçalves, e depois o remove para o Forte do mar na Bahia, prisão em nada semelhante em segurança á Fortaleza de S. Cruz. á da Lage? Quer, que se diga delle o mesmo, que se diria do homem, que acima se menciona.

O Artilheiro não pode, inda que queira, penetrar, nem mesmo idêar um fim justo de semelhante remoção: suppor, que foi para evitar a fuga, não tem lugar; porque embora o *Camello*, e o *Corte Real* fugissem da Fortaleza, e antes delles o *Padre Caldas*, isso não prova a sua pouca segurança; elles fugirão; por-

que alguém lhes facilitou a fuga: suppor, que foi por se achar a sua saúde arruinada, e para a restabelecer, muito peor ainda; porque alem de ser philanthropia demais, um criminoso de leza Nação e Magestade não merece tanto favor, e menos ainda, que essa Nação faça gastos desnecessarios para o bem estar de um monstro, que a dilacerou, de um monstro, cujo sangue he requerido pelas Leis para expiar tanto crime, tanta maldade, que elle praticou por si, e por seus cúmplices. Não pode, inda que queira, segunda vez o diz o Artilheiro, penetrar, nem mesmo idêar um fim justo de semelhante remoção.

O Sr. Deputado *Calmon*, que tem sido na Camara Temporaria o nosso maior advogado em uma das Sessões do mez de Setembro bastante se exprimio a tal respeito, e claramente manifestou os seus receios, avançando, que a presença de Bento Gonçalves na Bahia podia causar alguma commoção politica; porque lá, bem como nas mais Provincias, ha muito quem simpathise com os seus sentimentos, e principalmente lá, onde senão tem progredido as desordens, he por não terem os desordeiros um chefe, para o que Bento Gonçalves, apesar de ser militar *buçal*, serve muito bem: os receios, e reflexões deste esclarecido Parlamentar estão justificados; 1º porque mal Bento Gonçalves aportou na Bahia, logo certos *sucios* tidos, e havidos por *desordeiros*, segundo conta

CO réis
á boa
francas

10 réis
á boa
francas

cri-
faz-
ento
ino-
di-
ein-
ta
de
to
e,
2-
o-
a
:

vor da
ouca ;
em em
ou'an-
rromas
leão se
os; mas
siles, e
m del-
opera-
com
fo do
stario
e lem-
a mo-
brida-
rtas:
de So-
nto da
u. Não
, e se
ria de
ano
du-
id
ve
s
da
fo-
Ma
do
s d

um periódico de lá, for o a bordo fa-
ser-lhe os seus rapta-*pés*, e *afferecimentos*;
2º porque segundo diz o *Cincianato* de
9 de Setembro havia ja grandes receios
de rusga na Bahia.

Em fim qualquer que seja o fim da
remoção de Bento Gonçalves, por mais
justa que ella seja, dahi só nasce o in-
cremento da desconfiança publica por
alguns actos do Governo: dahi nasce o
muitos dizerem, que não decorrerá
muito tempo, que Bento Gonçalves não
venha unir-se aos seus camaradas *Camel-
lo*, *Corte Real*, e etc. e desta forma quem
o pode duvidar?

A RELIGIÃO.

Vai o Artilheiro fallar de um objecto,
que a muitos parecerá futil, e de nenhum
interesse, mas que na realidade he um
dos anneis mais fortes, que prendem a
cadeia social, e que muito util he ao ho-
mem ja pelas vantagens resultantes del-
le, ja por ser um estimulo forte para a
practica da virtude, e um manancial pe-
renne de consolação na occasião das at-
tribulações, em que cada dia se vê mer-
gulhado o homem: he este objecto a *Re-
ligião*, que n'outro tempo mais feliz, q'
o presente, era o principal objecto do
culto, da veneração e respeito dos nos-
sos maiores, e que hoje por desgraça o
espírito de *pedantismo*, e de *libertinagem*
tem aviltado de tal forma, que só o pro-
nunciar o nome sagrado de *Religião*
causa espanto! O Artilheiro deseja ins-
truir, e deleitar ao mesmo tempo: dese-
ja deleitar a fim de consiliar a attenção
dos Leitores, e instruir para reformar a
Moral publica, quanto possível for, por
que só com a boa Moral, e san philozo-
fia poderá o Brasil prosperar: embora
alguns chamem *massadas* os artigos ten-
dentes a este fim, os prudentes e cir-
cunspectos, cuja opinião prevalece sem-
pre, decidirão se o Artilheiro cumpre
com o seu dever.

A *Religião*, em sentido methaphisico,
e culto de veneração, de respeito, e

amor, dado ao author da natureza, isto
he, a *Deos*: em sentido politico, he um
fructo que rege o homem, fazendo-o
contar nos seus deveres, tanto pessoas,
como sociaes: sem ella não ha justiça,
na justiça não podem haver *Leis*, e
sem estas he impossivel existir sociedade
de alguma.

Não he inteiramente no primeiro sen-
tido de *Religião*, que o Artilheiro vai
fallar, elle deixa essa tarefa aos seus Mi-
nistros: he no sentido politico, que elle
se alongará mais; porque sendo o inte-
resse o primeiro movel do coração hu-
mano, não se pode atrahir a attenção
para o sentido methaphisico, sem por
argumentos *á posteriori* a atrahir para o
politico.

Primeiro, que existissem *Leis*, e *So-
ciedades* existio *Religião*, sem ella, co-
mo ja se disse, não pode haver *Leis*,
nem *Sociedade*. Romulo o fundador do
imperio Romano ajuntou um povo, e
fez huma sociedade; mas esse povo,
porque não tinha *Leis* capazes, e inda
lho faltava uma *Religião*, a que ellas se
encostassem, não chegaria ao que che-
gou; se a Romulo não succedesse no
governo *Mama Pompilio*, que lhe deu
uma *Religião*, e *Leis*, as quaes, adoga-
ndo, por assim dizer, os costumes do Po-
vo, lhe patentearão o caminho da glori-
a, e esplendor a que depois chegou
Roma, que hoje nos serve de modelo.
Portugal não passaria de um paiz de
barbaros se não apparecesse um *Serfio*,
o qual fingindo que a *Deoza Diana* na
figura de *Corça*, lhe dictava ao ouvido,
o que se devia fazer, pôde ajuntar, e di-
rigir aquelles povos quase selvagens, e
com elles resistir ao poder dos Roma-
nos. A *Tarquia*, essa poderosa Nação,
que hoje occupa grande parte de *Euro-
pa*, da *Azia*, e *Africa* não chegaria a
tanta oppulencia, e grandesa, não exis-
tiria mesmo, se não existisse *Mafoma*,
o qual, apesar de suas doutrinas religio-
sas serem absurdas, soube lançar por
meio dellas os alicerces desse grande
imperio, que tantas vezes tem feito tre-
mer o resto da *Europa*.

A arte de legislar consiste em saber
tornar justos os homens para com os
seus semelhantes: só quem desce
o coração humano, quanto por sua na-
tureza he injusto para tolerar as faltas
alheias, he que poderá deixar de avaliar
a dificuldade, que o Legislador neces-
sariamente encontra para fazer *Lei*, que
possão produzir effectos taes: he preciso
uma *Religião*, que garanta a santidade
das *Leis*, cuja infracção se tema menos
pelo rigor imposto nellas, do que os
remorsos, que deve causar a *Religião*.
Elabora as *Leis* comminem os maiores
castigos aos infractores, essas *Leis* de na-
da valerão se nos Povos não existirem
os principios de verdadeira virtude, a
qual não pode ser inspirada se não pela
Religião: os maiores Politicos concor-
dão nestes principios, e he esse o moti-
vo pelo qual se estabelecem na Legisla-
ção de todas as Nações cultas penas á-
quelles, que procurarem destruir a *Re-
ligião* do estado, seja ella qual for: he
essa a causa de se fazer prestar juramen-
tos tanto nos Magistrados, de que cum-
pirão bem e fielmente os seus deveres,
como aos governados de que observarão
as *Leis*, e serão obedientes aos seus su-
periores.

Em um governo despotico, e absolu-
to, onde o Rei, o dictador, ou primeira
pessoa do Estado he superior ás *Leis*,
como poderia haver justiça, como se a-
talharia os abusos do poder senão hou-
vesse uma *Religião*, que lhe marca os
principios de equidade? Ninguem: a
Lei seria a sua vontade despotica, a jus-
tiza as suas paixões. Quem conteve os
Maximos, os *Atilas*, e outros tyrannos
senão o freio da *Religião*? A *Religião*
he a mollia real de um estado, tirada es-
ta, ou inutilisada pelo desprezo em que
se ponha tudo vai perdido: o Magistrado
não dará o direito ás partes; o filho de-
sobedecerá ao Pai; o rico, o pederoso
ésmagará com seu poder o pobre, o des-
valido; a mulher não guardará a fé con-
jugal a seu marido, tudo será desor-
dem, e o mais forte dominará o mais
fraco. Até outro dia.

[3]

As velhas vaidozas.

O *promettido he devido*, ja se sabe se for
coisa boa, porque sendo bordoadas, se-
rá melhor prometter só, pois se se reali-
sar a promessa, ninguem as recebe de
boa mente. No n.º 6 deo a entender o
Artilheiro, que fallaria algum dia das *ve-
lhas vaidozas*, em fim foi uma promessa,
e pela regra do— *promettido he devido*—
não ha remedio senão cumpril-a: va fei-
to, agora de nada valem os arrependi-
mentos de a haver feito. Que poderá a-
contecer ao Artilheiro? *As velhas vaidozas*
não gostarem delle: tambem não impor-
ta; porque são mui ciumentas, ao ponto
de traserem em calças pardas aquelles,
que tem a desgraça de as aturar: elle
falla por experiencia; ja se vio, como se
costuma diser, entre a cruz, e a calde-
rinha com uma (*Deos te dê o Ceo!*) que
se captivou das suas bellas manciaras: q'
ciumes tollos, que decomposturas, que
arrepellões não soffreu o Artilheiro!
Mas qualquer agrado (*isso tem ellas*) a fa-
zia acalmar o espirito. Vamos ao que
serve, nada do disgressões, que fação re-
cordar objectos tristes!

Huma *velha vaidoza* não ha nada, com
que possa ser comparada, senão com
uma *macaca* vestida de mulher: faz tanta
momicia, que lhe fica mal, que na ver-
dade causa nõjo! Ora qual será o fim
para que ella se adorna com vaidade?
Será para agradar? Assim he natural-
mente; mas como conseguil-o se a ida-
de a não ajuda? Por mais bella que fos-
se no seu tempo, a idade tudo affêa, e
se o foi, ja o não he. Pegue no espelho
e veja-se bem; os dentes, que dão tanta
graça a qualquer semblante estão po-
dres, carcomidos, ou já não existem; a
bocca, fica desengraçada, e se se contra-
faz para encobrir a ausencia, ou man es-
tado dos seus inquilinos, faz tanta caran-
tonha!...; os olhos desapparecerão da
flor do rosto, e se n' outro tempo forão
expressivos, e matadores, agora estão
sumidos, e as palpebras com unhas pre-
guinhas mais miudas; que as dos Laba-
dos de uma camiza; as faces apesar do

carminim perderão a cor natural; e semelhantemente uma manga seca deixão ver os regos, que o arado do tempo nellas abriu; o mais em proporção. As velhas são como as arvores, q' no outomno perdem a folha, e com ella a sua belleza: na primavera froadolas, e cobertas de flores são bellas, no estio carregadas de fructas são deliciosas; mas no outomno não appresentão, senão a infallivel certeza de que no mundo tudo acaba!

Digão la destas verdadilhas a uma velha vaidosa! Ave Maria, era uma tempetade de-feita! Que uma moça se enfeite, e procure agradar, está no seu tempo; quer ver se acha arrumação; podem que arrumação procurará uma velha vaidosa? A mesma que se da a hums chinelos velhos. Se ella tem dinheiro, pode encontrar quem a queira, por causa delle ja se sabe, pois uma empada daquella natureza sem juizo, só assim hirã; mas depois? Ah pobre velha, que patifarias, que injustiças! Se não tem dinheiro, que espera? Mangações, logros, que tudo he pouco pelo muito, que merece. Quando qualquer he moço, o fogo da mocidade, o calor das paixões, a nenhuma pratica, nem experiencia do mundo feixão os ouvidos da alma, os dictames da razão, e dali nascem os desatinos; quando he velho, o fogo extincto, as paixões acalmadas, e a experiencia do mundo devem fazer uma mudança total do que era sendo moço.

Uma pessoa idosa só he util á sociedade pelos seus bons conselhos, e exemplar conducta: nada mais tem a exigir della a sociedade. Uma velha vaidosa nem he util a si nem á sociedade; não he util a si; porque não faz senão sempre um papel ridiculo, he alvo das zombarias dos moços, e tambem das moças, que melhor conhecem os achaques do seu sexo, que ficão mais aggravados com a idade: não he util á sociedade; porque em lugar de corrigir a mocidade, a perverte com o seu louco pensar, e pessimo exemplo: logo diz quem he moço, quando os velhos são tão gaitiros, que freinos são? O bom exemplo, e sabios conselhos valem mais que o ouro. Que respeito, e veneração não infundem as cans da gente idosa! Suas sentenças são respeitadas,

os conselhos attendidos, tudo nellas causa veneração, e respeito, quando o seu exemplo, e virtudes são conhecidamente bons.

Que praser não sentiria o Artilheiro se com estas reflexões pudesse fazer, que as velhas vaidosas conhecessem o seu lugar, e fisessem com seu exemplo, e conselhos, que a mocidade, senão pervertisse? Elle seria excessivo; mas estas reflexões não servirão senão de embravecel-as: ellas querem adulação, e o Artilheiro, que não está para isso, diz-lhes: minhas velhas (nenhuma-o quer ser) isso já não he para vossés, lembrem-se, que estão com os pés para a cova, e mudem de vida.

Se bom que neste artigo se podia tocar nos velhos *petits maitres*, com tudo elles servirão de objecto para um outro quando o Artilheiro estiver de paxorra.

AOS ASSIGNANTES.

Não ha quazi pessoa alguma, que se não zangue, quando o famulo lhe vai dizer: *senhor, farinha não ha, feijão acabou-se* etc. Hoje vai fazer esse papel de famulo o Artilheiro, porque lhes vai dizer: senhores, com este numero acaba o trimestre; portanto ja sabem, quaes sejam os sentimentos e doutrinas do Artilheiro, a deffeza da Lei, o bem da Patria, e a boa Moral tem sido o seu norte, e será em quanto existir: se tem pensado, e querem continuar reformem a assignatuzinta: não de querer não he isso? Muito bem; recebam os agradecimentos da boa, e favoravel accitação, que de suas mercês tem tido o Artilheiro, e fiquem certos, que elle não desmerecerá de tanto favor, que lhe fazem.

Acha-se no Prelo— o Primeiro Compendio Arithmetico, ou Taboada curioza para os Meninos, apprenderem, onde se explica em Dialogo os *principaes fundamentos* d'Arithmetica; na mesma se achão á venda.— Taboadas— Cartilhas— Syntaxas da Grammatica— Grammaticas— Manejo de Armas, e exercio de fogos, para os Batalhões de Caçadores— e o Regulamento para os G. Nacionaes, com as Reformas

Tambem se apara papel, e se fazem livros em branco.

Porto A. Na Typg. de C. Dubreuil e C